

ÂNGELA MERICI, O RENASCIMENTO E A EDUCAÇÃO

RUY NUNES

O ano de 1974 assinalou-se pela comemoração de ilustres centenários, entre os quais se contam os setecentos anos da morte de Santo Tomás de Aquino e de São Boaventura, grandes luminares do pensamento do século XIII; os duzentos e cinquenta anos do nascimento de Kant, e os quinhentos anos do nascimento de Santa Ângela Merici. Os dois escolásticos foram sábios arquitetos de idéias, contribuíram para a causa da filosofia e para o fervor dos espíritos cristãos. O idealista de Koenigsberg ampliou os quadros do pensamento filosófico e, quanto à Santa Ângela Merici, os seus méritos são indiscutíveis, e os frutos de sua vida foram admiráveis e benfazejos para o gênero humano. As suas filhas, as Ursulinas, cresceram como o grão de mostarda, e o seu campo de ação, através dos séculos, alargou-se por todos os continentes.

A MULHER NA ÉPOCA DO RENASCIMENTO

O período renascentista caracterizou-se pelas grandes transformações sociais, pela renovação cultural e pela dissolução dos costumes que assolou até mesmo o recinto dos conventos e das cúrias pontifícias e episcopais. São Bernardino de Sena numa de suas famosas *Prediche Volgari* de 1427 estigmatizava a sodomia imperante na cidade de Siena e exclamava: “se eu fosse senense, como sou, e tivesse filhos, como não tenho, quando eles completassem três anos, eu os enviaria para longe da Itália, para onde não deveriam retornar, enquanto não tivessem, pelo menos, quarenta anos, *perché è tanto corrotta questa Italia*” (1). Burckhardt, em sua *Kultur der Renaissance in Italien* (2), observa que à sociedade mundana das cortes

(1) “Doh, s'io fusse sanese come io s', e avesse figliuoli come io non ho, io farei di loro quello ch'io vi dirò; che come e' fussero in età di tre anni, subito gli mandarei fuori di Italia, né mai tornassero se non avesseno almeno quaranta anni. — Oh, fuore d'Italiam perché? — Perché? Perché è tanto corrotta questa Italia, che non possono appena camparne per la mala consuetudine”.

San Bernardino de Siena, *Le Prediche Volgari*. A cura di Piero Bargellini. Milano-Roma, Rizzoli e C., Editori, 1936, 1171 págs. cf. pág. 901.

(2) Burckhardt, Jacob. *Die Kultur der Renaissance in Italien*. Achtzehnten Auflage. Leipzig (Kroner Taschenausgabe, Band 53), 1928, 540 págs. Cf. pág. 372.

e salões renascentistas faltou *der Flor*, o viço das moças guardadas a sete chaves pela família, quando não eram fechadas num convento até ao casamento, tal o temor dos pais ante a soltura dos costumes.

A OBRA DE SANTA ÂNGELA NA ÉPOCA DO RENASCIMENTO

Ângela Merici percebeu as mazelas da sociedade em que vivia e, levada pelo amor de Deus, pelo zelo na salvação das almas e pela compreensão das fraquezas humanas, fundou um instituto original consagrado à educação feminina e à reforma das famílias. Por isso, ela ocupa merecidamente um lugar de relevo na História da Educação. O seu Instituto veio a constituir a primeira associação religiosa e, logo mais, uma Ordem religiosa devotada à educação feminina. Durante a Idade Média, as monjas acolheram nos seus mosteiros meninas e moças que as famílias lhes entregavam para receberem instrução e formação cristã. Mas, no início do século XVI, Ângela Merici organizou a primeira ordem religiosa a ter por objetivo a educação das jovens e a preservação moral das famílias. Embora autores famosos como Woodward (3), sejam omissos quanto a Ângela Merici, e ainda que estudos alentados como o de Ruth Kelso (4) nem sequer a mencionem, o seu nome imortalizou-se entre os dos grandes educadores, e a sua obra continua a ser eloqüente — *defunctus adhuc loquitur* — e benfazeja através dos continentes, aqui no Brasil e em São Paulo. Como diz Cláudio Mondésert: “As Ursulinas são professoras e educadoras em todos os graus do ensino: jardins de infância, cursos primários e secundários, classes preparatórias aos estudos universitários, até mesmo cursos superiores. Agem, também, em todos os ramos: clássico, moderno, técnico e profissional. Parece-nos desnecessário acrescentar que elas procuram corresponder, da melhor maneira possível, às necessidades de cada país e de cada época, abrindo escolas para todas as classes sociais como, também, realizando, na mesma escola, como já se pode fazer hoje na Inglaterra, a benfazeja fusão de crianças de meios sociais muito diversos” (5).

Traços Biográficos

Ângela Merici nasceu no dia 21 de março de 1474 em Desenzano na costa sul do lago de Garda, na granja de Grezze, num lar de camponeses profundamente cristãos, onde o pai reunia todas as noites a família e os trabalhadores para a oração comum e para uma leitura espiritual tirada

(3) Woodward, William Harrison. *Studies in Education during the Age of the Renaissance 1400-1560*. New York, Russel and Russel Inc., 1965, 336 págs.

(4) Kelso, Ruth — *Doctrine for the Lady of the Renaissance*. Urbana, University of Illinois Press, 1956, 475 págs.

(5) Mondésert S. J., Claude — Lubac S. J., Henri de — *As Ursulinas da União Romana*. Lyon, Lescuyer, 1958, 65 págs.

da *Bíblia* ou das *Vidas dos Santos*. Ângela notabilizava-se pela pureza dos costumes e pelo espírito de penitência no qual santamente rivalizava com a irmã mais velha. Quando tinha quinze anos, faleceu-lhe o pai e, logo mais, a mãe, tendo passado então a viver, juntamente com a sua irmã, sob a tutela do tio Bartolomeu Biancosi em Saló, às margens do mesmo lago de Garda. Vindo, também, a morrer o tio, Ângela voltou a Desenzano, localidade situada na diocese de Verona, no território da República de Veneza. Estava com vinte anos. Ali viveu piedosamente entregue aos trabalhos do campo, dedicando-se, também, a visitar os pobres e os doentes, e a ensinar religião às crianças. Convidada por um casal amigo de bons cristãos, Jerônimo e Catarina Patengola, que passavam o verão em Desenzano, entrou a residir com eles em Brescia, em 1516, tendo ocupado o lugar deixado vago pelos dois filhos dos Patengola, mortos prematuramente. Em Brescia, Ângela levava uma vida de oração, pobreza e penitência, tendo se tornado terciária franciscana e desempenhado o papel de conselheira, pacificadora de ânimos e mestra espiritual. Em 1524 empreendeu uma peregrinação à Terra Santa, quase na mesma época em que o fazia, também, Sto. Inácio de Loiola a quem, aliás, nunca conheceu. Ao chegar em Creta, ficou cega e só readquiriu a visão na viagem de volta. Em 1525, por ocasião do Jubileu, foi apresentada ao Papa Clemente VII. No dia vinte e cinco de novembro de 1535, com vinte e sete discípulas, Ângela fundou a Companhia de Santa Úrsula que se dedicaria na cidade de Brescia aos doentes, aos pobres e à instrução cristã das crianças e das jovens. Estava com sessenta anos, e durante quarenta viera a preparar-se para essa função. No prólogo da *Regra Primitiva* Ângela escrevera que as suas filhas se agrupavam “para servir à divina Majestade” e, no seu *Primeiro Legado*, advertiu-as de que só se deviam deixar mover “pelo amor de Deus e pelo zelo das almas” (6). Ela morreu no dia vinte e sete de janeiro de 1540, depois de haver designado a sua sucessora e de ter ditado ao seu secretário, o padre Gabriel Cozzano, a *Regra Primitiva*, o *Testamento* (Legados), e as *Recomendações*. Foi canonizada por Pio VII, a vinte e quatro de maio de 1807.

A COMPANHIA DE SANTA ÚRSULA E A EDUCAÇÃO

Ângela Merici procedeu sob a inspiração de Deus, ao conceber e instituir a Companhia de Santa Úrsula. A primeira inspiração lhe adveio através de uma visão celestial que lhe ocorreu, quando adolescente. Conforme a carta de Landini, vice-superior das Ursulinas de Brescia, que prestou informações sobre Ângela, vinte e seis anos após a sua morte, a

(6) Merici, Sainte Angèle — *Écrits de Sainte Angèle Merici*. Texte italien original et traduction française d'après la publication de Sr. Teresa Ledóchowska: *Angèle Merici et la Compagnie de Ste. Ursule*, Ancora, 1968. Ursulines de l'Union Romaine. Roma, via Nomentana 236, 93 págs.

visão deu-se num campo perto de Desenzano. Por ocasião da colheita, à hora da refeição, ao meio-dia, Ângela afastava-se das companheiras a fim de rezar. Uma vez, em êxtase, viu o céu aberto, e uma procissão de anjos e virgens que caminhavam dois a dois numa nova escada de Jacó. As virgens cantavam acompanhadas pelos instrumentos musicais tocados pelos anjos. Ângela, então, reconheceu numa delas a sua querida irmã há pouco falecida. Deteve-se o cortejo, e a irmã lhe anunciou que Deus queria servir-se dela, e lhe pedia a fundação de uma Companhia de Virgens que iria desenvolver-se rapidamente. Essa visão plantou no coração de Ângela a semente de que germinaria a pujante árvore da Companhia de Santa Úrsula. Ela própria escreveu com toda a convicção no último Legado do seu Testamento: "Tende por certo que esta Regra foi estabelecida pela santa mão de Jesus Cristo, e que Ele não abandonará jamais esta Companhia, enquanto o mundo durar. Porque, se foi Ele quem a plantou, quem poderá desenraizá-la? Crede nisso, não duvideis, tende uma fé firme; assim será. Sei o que digo!" Ao mesmo tempo, com espírito profético e inspirada prudência, dizia no início do último Legado: "E se, conforme os tempos e as necessidades, fosse conveniente tomar novas disposições ou modificar alguma coisa, fazei-o com prudência e bom conselho", deixando, desse modo, aberta a porta da Regra para as inovações que se fizessem necessárias, o que logo veio a ocorrer no fim do século XVI e nos seguintes, quando a Companhia, por disposição de Bispos e de Papas, acabou por mudar a sua estrutura, embora a forma primitiva se mantivesse em Brescia.

A FORMA ORIGINAL DA COMPANHIA DE SANTA ÚRSULA

Ângela Merici não quis fazer das suas filhas, virgens enclausuradas e isso, não porque o estado moral de grande número de mosteiros fosse lastimável, mas sim por ter ela concebido um plano original de organização semelhante ao dos Institutos Seculares hodiernos. Queria uma associação de virgens, como reação à corrupção dos costumes que grassava na sociedade renascentista, e para se contrapor ao descaso pela virgindade, apregoado pelos protestantes. Ângela queria que as virgens vivessem no seio das suas famílias e praticassem um excelente ato de caridade, não só ao perfumarem o lar com o odor das virtudes, como através do ensino da doutrina cristã às moças de todas as condições, da assistência às mães pobres e desamparadas, e do cuidado com os doentes. As virgens da Companhia de Santa Úrsula, por conseguinte, deviam viver no mundo num estilo misto de vida ativa e contemplativa, dividindo o seu tempo entre a oração e as obras de misericórdia espiritual e corporal. Elas mesmas eram recrutadas em todos os níveis da sociedade, podendo ser de origem plebéia, burguesa ou nobre. Ângela dividiu entre as suas filhas os quarteirões da cidade de Brescia, para que se entregassem disciplinadamente ao apostolado. Todas dependiam diretamente do Sumo Pontífice, e obedeciam a uma

Madre Geral eleita, por toda a vida, numa sessão presidida pelo Bispo, primeiro Pastor e Superior da Companhia de Santa Úrsula ou, no caso de sua ausência, pelo Padre Espiritual que seria um sacerdote escolhido pelo Bispo. Após a Superiora Geral, elegia-se uma Vigária, a primeira de quatro Assistentes, que substituiria a Geral na sua ausência ou nos seus impedimentos. Essas quatro virgens eram as mestras e guias no caminho da vida espiritual das virgens ursulinas, a quem visitavam quinzenalmente através da cidade. Acima dessas mestras-irgens estavam as “Coronelas”, as superiores locais, que deviam supervisionar o trabalho das virgens, e servir de intermediárias entre elas e as superiores maiores. Foi às “coronelas” que Santa Ângela consagrou as *Exortações* ou *Recomendações*. No topo desse oficialato vinham as matronas-viúvas ou damas-governantes, as grandes protetoras da Companhia.

Finalmente, além dessa hierarquia feminina, as Ursulinas contavam com a proteção de quatro homens de idade madura e de honestidade comprovada, “agentes e pais para as necessidades da Companhia”, conforme o capítulo 12 da Regra Primitiva, sábia providência de Santa Ângela em relação às virgens da sua Companhia, que viviam em época tão perturbada e perigosa. A primeira transformação da estrutura da Companhia foi imposta em 1566 em Milão por São Carlos Borromeu, o qual, de conformidade com as determinações do Concílio de Trento, exigiu que as Ursulinas se congregassem, isto é, passassem a viver em comunidade revestidas de um hábito, e se submetessem à autoridade episcopal. A segunda transformação deu-se depois que elas haviam sido introduzidas na França em 1612, em Paris, quando começaram a viver como monjas com a recitação do Ofício no coro, votos solenes e clausura. A Companhia transformara-se em Ordem religiosa, e com esse caráter propagou-se pela Europa e pelo mundo através da atividade missionária, outro aspecto pioneiro das Ursulinas: a primeira ordem religiosa consagrada à educação feminina que se entregou ao apostolado missionário fora da Europa. Em Brescia, na Itália, todavia, a Companhia persistiu felizmente na sua forma primitiva, conforme o plano original de Santa Ângela Merici.

O PATROCÍNIO DE SANTA ÚRSULA

O culto de Santa Úrsula, a mártir de Colônia, estava muito difundido na Itália. Em Veneza, Ângela admirou os quadros de Carpaccio consagrados a Santa Úrsula, assim como venerou a cabeça da mártir no seu relicário de prata. Em várias cidades da Itália havia quadros que representavam a santa, e Moretto, o maior pintor renascentista de Brescia, pintou a tela que Santa Ângela devia contemplar, perto de sua casa, na igreja de São Clemente. Além disso, Ângela conhecia a biografia de sua patrona através da leitura das Vidas dos Santos que lhe fizera o piedoso pai. “Se procurarmos, tal como os seus primeiros biógrafos, diz a Madre Teresa

Ledóchowska OSU (7), apreender a intenção profunda da Fundadora, compreenderemos melhor os motivos da sua escolha: Úrsula era uma virgem da Igreja primitiva que, permanecendo no mundo, consagrou a sua vida ao Senhor e lhe levou um cortejo de esposas. Ela era, também, patrona da juventude, e a sua peregrinação a Roma revelava uma atitude de fidelidade eclesial muito cara ao coração de Ângela Merici. Embora a crítica histórica tenha rejeitado a lenda doirada de Santa Úrsula e das onze mil virgens, essa lenda, entretanto, construiu-se em torno de um núcleo de fatos verídicos: antes do século IV houve virgens martirizadas em Colônia, no local onde se ergue hoje a igreja de Santa Úrsula, fato comprovado pelas escavações arqueológicas. Essas virgens-mártires são as padroeiras das Ursulinas.

A INSPIRAÇÃO FRANCISCANA DE ÂNGELA MERICI

Quando se mudou para Brescia, a jovem Ângela Merici ingressou na Ordem Terceira Franciscana. Não o fez movida apenas pelo interesse de comungar freqüentemente, como já se escreveu. Isso seria desmerecer o seu caráter de terciária convicta e apoucar a retidão das suas intenções. Tal motivo poderia ter sido, quando muito, o fator que lhe atraiu a atenção para a Ordem Terceira de São Francisco, cujos ideais procurou viver durante toda a vida. Conforme a deposição de testemunhas do “Processo Nazari”, Ângela “esmerava-se nos jejuns, abstinências e orações, e *così prese l'habito del terzo ordine de frati minori di santo Francesco*” (8). Isso indica que foi o fervor e o apreço pela vida de penitência e oração que a encaminharam para a Ordem Terceira de São Francisco. No século XV, entre as tentativas de reforma dos costumes avultaram, entre os franciscanos, zelosos pregadores populares da têmpera de um Alberto de Sarteano, de um Tiago de la Marche, de um São Bernardino de Feltre, São João Capistrano ou São Bernardino de Sena. Nessa época os Franciscanos Observantes, apesar de contarem membros relaxados, davam exemplo de pobreza, vida austera e humildade. Em Brescia, no início do século XV, os Irmãos da Ordem Terceira, “La Congregazione di San Francesco”, dirigiam três hospitais. Em Saló havia um convento de Franciscanos Observantes, e mais um outro na Isola dei Frati no lago de Garda, a pequena distância de Saló. Como observa agudamente a Madre Ledóchowska OSU, os biógrafos de Ângela não salientaram bastante o quanto a Santa havia tomado a sério a sua pertença à Ordem Terceira de São Francisco. Até à morte, ela se faria chamar de Suor Ângela Terciária. Todos os documentos em que o nome de Ângela é mencionado são

(7) Ledóchowska OSU, Teresa — *Angèle Merici et la Compagnie de Ste. Ursule à la lumière des Documents*. Roma-Milano, Ed. Ancora, 1967, 2 vol. Cf. T. I. pág. 118.

(8) *Témoignages du “Processo Nazari”*, in Ledóchowska OSU, *Angèle Merici et la Compagnie de Ste. Ursule*. Tome I, pág. 314.

prova disso. Ela obedecia às ordens dos seus superiores franciscanos, usava o hábito da Ordem Terceira e foi assim que se fez enterrar. Além disso, a Regra Primitiva, as práticas de piedade, e as obras de misericórdia das Ursulinas, atestam a influência do espírito franciscano sobre Ângela Merici.

A EDUCAÇÃO FEMININA NO RENASCIMENTO

O movimento humanista que caracterizou o Renascimento começou, de fato, no fim da Idade Média. Ora, uma vez que o cuidado com a educação feminina já se destacara no fim do período medieval, vemos que esse cuidado é revelado pelos principais teóricos da educação durante todo o curso do Renascimento. Leonardo Bruni, entre 1422 e 1429, compôs o *De studiis et litteris liber* que dedicou à senhora Batista de Malatesta, recomendando-lhe a cultura literária e a leitura dos clássicos, noções de geometria, aritmética, astronomia e retórica, observando, entretanto, que *una donna cristiana* deve procurar adquirir, principalmente, um bom conhecimento da Sagrada Escritura e da filosofia moral, sem negligenciar o estudo da história e a leitura dos oradores e dos poetas (9). Além disso, o conhecimento das coisas deve ser acompanhado pela aquisição da perícia literária, isto é, da habilidade em saber exprimir-se literariamente. Todos os escritores do Renascimento que dissertaram sobre a instrução das mulheres não foram além de Leonardo Bruni como, por exemplo, o maior pedagogo renascentista, Luiz Vives na *Institutio Foeminae Christianae* (10), de 1523, ou como Erasmo num dos seus *Colloquia Familiaria*, *Abbatis et Eruditae*, no qual a vivaz Magdalia espanta o mundano e dissipado abade Antronius (11). Mas, além da instrução literária, há uma certa unanimidade entre os autores quanto ao reconhecimento da necessidade de conhecimentos de economia e prendas domésticas para as mulheres. Alessandro Piccolomini em *La Raffaella* frisa que a boa dona de casa deve cuidar amorosamente dos filhos e do marido, não deve ser preguiçosa nem dormir demais; precisa saber impor-se à criadagem, ser amável com os hóspedes e fazer sempre boa cara para receber o marido, procurando agradá-lo a fim de poder ganhar belos vestidos... (12). Vives quer que o estudo das letras concorra para

(9) Bruni, Leonardo — *De studiis et litteris liber*: Leonardo Bruni e gli "Humanitatis Studia". Traduzione di Eugenio Garin, in *Educazione umanistica in Italia* (Antologia), sesta edizione, pág. 35-44. Bari, Editori Laterza, 201 págs.

(10) Vives, Juan Luis — *Obras Completas*. Primera Traducción Castellana íntegra y directa, Comentarios, Notas y un Ensayo Bibliográfico por Lorenzo Riber. Madrid, Aguilar Editor, 1947, 2 vol. Cf. *Formación de la Mujer Christiana*, T. I, pág. 985.

(11) Erasmus von Rotterdam — *Ausgewählte Schriften*. Sechster Band: *Colloquia Familiaria*. Darmstadt, Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1967. *Abbatis et Eruditae*, pág. 252-265.

(12) Piccolomini, Alessandro — *La Raffaella*, in (I Classici della Pedagogia Italiana), Felice Bataglia, *Il pensiero pedagogico del Rinascimento*. Firenze, Coedizioni Giuntine-Sansoni, 1960, 698 págs. Cf. pág. 500-508.

os bons costumes das mulheres, observando que “na educação da mulher o pudor reclama o principal e, até mesmo, o único cuidado”. Preconiza que se evitem as más leituras, as conversas ociosas, salientando que o bem mais precioso da mulher é a castidade. O tratado de Vives desce aos pormenores da formação das virgens, das mulheres casadas e das viúvas, enaltecendo os ideais da educação cristã. No entanto, Montaigne no ensaio sobre o pedantismo achava que uma mulher já sabe o bastante, quando é capaz de diferenciar uma camisa do gibão do marido. Noutra passagem dos *Ensaïos* ele observa que sábio foi quem disse que para um casamento feliz é necessário unir um homem surdo a uma mulher cega. Num lanço do livro III dos *Ensaïos*, Montaigne diverte-se em dizer que as mulheres se contentem com exprimir pelo olhar gracioso os sentimentos de agrado ou desagrado, e com entender sem intérpretes as lisonjas dos admiradores, valorizando os próprios encantos, pois tal ciência já basta para elas conduzirem pelo nariz os professores e os seus discípulos (13). Todavia, Montaigne concede que, se as mulheres quiserem distrair-se com os livros, escolham a poesia, a história e a filosofia, servindo esta última disciplina para que aprendam a suportar humanamente a inconstância do amante e a grosseria do marido.

Castiglione no livro *O Cortesão* revela gosto mais refinado e tem em mira as senhoras da corte e, por isso, lhes recomenda que saibam vestir-se, enfeitar-se, e que tenham conhecimento de letras, música, pintura, assim como saibam dançar bem, rir e brincar (14). Em contraposição a essa excessiva preocupação mundana, os educadores católicos insistem nos deveres da mulher casada e no aspecto sério da vida. Giovanni Leonardi escreveu um livro para lembrar às mulheres os seus deveres para com os maridos, *Memoriale alle donne maritate per vivere virtuosamente con i mariti loro.* (15). Pietro Giussano em *Istruzioni e Documenti*, ao examinar a educação das mulheres, enaltece a importância da boa formação moral e religiosa, e dos “exercícios próprios das mulheres”, como são o cozinhar, o fiar e coisas semelhantes, acrescentando ser ideal que elas aprendam tudo isso em casa. Bartolomeu Méduna, por sua vez, ao tratar dos estudos das mulheres em *Lo Scolare*, reconhece que “elas são aptas como os

(13) Montaigne — *Ensaïos*. Tradução de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro — Porto Alegre — São Paulo. Editora Globo, 1961, 3 vol. Cf. vol. III, Cap. III, “Da Companhia dos homens, das mulheres e dos livros”, pág. 152 e seguintes.

— *Essais*. Éd. Maurice Rat, Paris, Éditions Garnier Frères. L. III, Ch. III, De Trois Commerces, vol. 3, pág. 33.

“Avec cette science, elles comandent à baguette et regentent les regens et l'eschole”. Pág. 38.

(14) Castiglione, Baltasar — *El Cortesano*. Traducido por Juan Boscán. Tercera Edición. Madrid, Espasa Calpe, S.A.

(Colección Austral, n.º 549), 1967, 229 págs. Cf. Lib. III, pág. 104, e seg.; cap. VI e VII, pág. 142 e seg. e 153 e seg.

(15) Leonardi, Giovanni — *Memoriale alle donne maritate, per vivere virtuosamente con i mariti loro*, in (I Classici della Pedagogia Italiana), Luigi Volpicelli, *Il pensiero pedagogico della Controriforma*. Firenze, Coedizioni Giuntine-Sansoni, 1960, 614 págs. Cf. pág. 72 e seg.

homens para aprender as disciplinas” (16). Em sua *Carta aos membros do Conselho de todas as cidades da Germânia em favor das escolas cristãs*, de 1524, Lutero inculca o dever aos príncipes e nobres de darem instrução aos meninos e meninas em função da ordem civil e da religião. Ele achava que uma menina tinha tempo para ir à escola uma hora por dia, a fim de atender, em seguida, ao trabalho no lar, uma vez que consagrava muito mais tempo a dormir, dançar e divertir-se (17). Santa Ângela Merici, inspirada por Deus, intuiu as grandes necessidades educacionais da época renascentista no tocante às mulheres, e recebeu de Deus a missão de promover a educação das meninas, a regeneração moral da família, e de consagrar-se à tarefa apostólica da evangelização das mulheres por meio do ensino da doutrina cristã. O fato saliente, o aspecto característico da sua missão, da sua obra e do seu carisma, é que ela se aplicou franciscanamente à educação das meninas e moças pobres e abandonadas, fato ainda mais notável, quando se sabe que a educação renascentista foi estritamente aristocrática. Os educadores só se interessavam pelos filhos dos nobres e dos ricos burgueses, e ninguém se preocupava com o povo humilde, exceto as pessoas movidas pela graça de Deus e pelo espírito de misericórdia, como o foram os educadores religiosos da têmpera de um S. Caetano de Thiene, um S. Jerônimo Emiliano, um S. José Calasans e uma santa Ângela Merici, afora alguns leigos iluminados por Deus como Vitorino de Feltre que exigia, como condição para ensinar alunos ricos, o direito de sustentar na mesma escola estudantes pobres. Mais tarde, durante o século XVII, a atividade educacional das Ursulinas vai modificar-se um tanto, quando elas se devotarem, integradas em Ordem religiosa, à educação das filhas de nobres e burgueses, tal como o faziam os jesuítas quanto aos rapazes.

O LEGADO EDUCACIONAL DE ÂNGELA MERICI

O legado educacional de Santa Ângela Merici pode ser considerado de dois modos: primeiro, quanto à instituição das Ursulinas espalhada pelo mundo inteiro; segundo, quanto aos ensinamentos pedagógicos que se acham nos seus poucos escritos. A Ordem das Ursulinas continua a cumprir a missão que lhe traçou Santa Ângela, e está difundida por todos os continentes. As Ursulinas consagram-se aos altos estudos e aos mais humildes misteres. Educam as filhas dos ricos e as filhas dos operários.

(16) “La Donna parimente con l’uomo, ha per sorte avuto la medesima ragione, mente e favella, e tende ad uno stesso fine di beatitudine, ove non sia alcuna eccezione di essa...”

“Meduna, B. — *Lo Scolare*, ib., pág. 81 e seg.

(17) Luther, Martin — *Letter to the Mayors and Alderman of all the Cities of Germany in Behalf of Christian Schools*.

Translated by F. V. N. Painter, in *Early Protestant Educators*. New York, AMS PRESS, 1971, 312 págs. Cf. pág. 45-79.

Dirigem, por exemplo, aqui no Brasil, a Associação Universitária Santa Úrsula no Rio de Janeiro e labutam num bairro humilde de Santo Amaro, em São Paulo. Os escritos de Santa Ângela compreendem as *Recomendações*, *Arri cordi che vanno alli Colonelli*; o *Testamento della Madre Suor Ângela* composto de dez Legados que a Santa dedicou às damas-governantes e, por último, a *Regra Primitiva, Regola della nova Compagnia ai santa Órsola di Brescia*. Os três escritos são concisos e densos de ensinamentos. Respiguemos alguns deles através das *Recomendação* e do *Testamento*. Todos têm grande alcance pedagógico e projetam-se muito além dos limites das regras da vida ursulina. Nas suas exortações às Coronelas, Santa Ângela começa por enaltecer as virtudes da humildade, da caridade e da obediência que, de fato, impendem nas mais variadas situações de vida aos educadores de qualquer estirpe e de qualquer nível. As Coronelas tinham um posto de mando e de inspeção. Pois bem, lhes diz Santa Ângela, não vos julgueis dignas de ser Superiores e Coronelas, mas considerai-vos antes auxiliares e servidoras de vossas filhas. Verdadeira concepção da superioridade administrativa: trata-se de um serviço e não apenas de uma honra ou do exercício do despotismo. Depois, prossegue, sede amáveis e humanas para com vossas filhinhas. Ângela recomenda que as superiores saibam advertir e aconselhar, levadas só pelo amor de Deus e pelo zelo das almas, pela afeição e pela doçura, em vez da severidade e das duras repreensões. Diz que é preciso saber usar do discernimento dos espíritos para confortar e corrigir os que precisam de estímulo ou censura. “Sede submissas às Madres principais”, ensina, evitando murmurar contra elas, ou falar mal a seu respeito diante de outras pessoas, máxime de suas filhas. Depois de lhes recomendar a necessidade de cuidado e vigilância quanto à conduta das virgens, das visitas freqüentes e das normas para se levar vida modesta e austera, Santa Ângela Merici exorta as Coronelas a serem de conduta exemplar na prática das virtudes e na freqüência dos sacramentos, uma vez que uma pessoa revestida de autoridade fica despojada de todo o prestígio, se desmente com os atos o que assoalha com as palavras. Previne-as quanto a duas espécies de “pessoas pestilenciais”: as mundanas ou os falsos religiosos e os hereges. Insiste em que as suas filhas não privem com pessoas de reputação herética nem ouçam algum pregador de novidades que se afastam do uso comum da Igreja. Um dos mais preciosos conselhos de Ângela prende-se ao perigo das Coronelas fazerem acepção de pessoas entre as educandas, péssimo defeito de muitos mestres que ultrajam a justiça, ao favorecerem indevidamente os seus apaniguados por qualquer motivo. “Amai todas as vossas filhas igualmente, diz Santa Ângela, não tenhais preferência mais por uma do que por outra, pois todas são filhas de Deus... Podeis saber se aquelas que vos parecem as mais insignificantes e as mais desprovidas de valor, não vão tornar-se as mais generosas e as mais agradáveis à sua Majestade? E quem pode julgar o fundo dos corações e os pensamentos secretos da criatura? Por isso, acolhei-as e suportai-as a todas igualmente”. Por fim, na última exortação a santa recomenda às Coronelas o bom entendimento, a concór-

dia, dizendo-lhes que a união dos corações as tornará semelhantes a um castelo forte edificado sobre a rocha ou a uma torre inexpugnável aos ataques e às artimanhas do demônio. No *Testamento*, dedicado às damas-governantes, acham-se praticamente as mesmas exortações. Diz Santa Ângela Merici que essas grandes senhoras devem procurar conhecer individualmente as filhas e delas tratar com carinho. Aliás, essa é a condição de qualquer frutuoso empreendimento pedagógico. Nenhum professor ou educador colherá bons frutos, se não tomar o cuidado de conhecer pessoalmente os seus pupilos, e se não lhes fizer sentir que age com o empenho e o carinho de um pai. Ângela insiste em que as superiores procedam com mão suave e doce, e não imperiosamente e com aspereza, como é feitio, bem o sabemos, dos educadores atrabiliários. Por último, ela volta a aconselhar a concórdia e o amor mútuo, “sinal certo de que se anda no caminho bom e agradável a Deus”.

Esses conselhos pedagógicos têm valor permanente e podem orientar a atividade educacional nos lares e nas escolas.

Este artigo foi publicado em 1974 no *Suplemento Literário* do jornal O Estado de São Paulo, e vai aqui reproduzido com a devida autorização que agradecemos.